

DÍPTICOS, ARTE E CURADORIA

Há encontros que não se dão por fusão, mas por vizinhança. Duas presenças que se mantêm íntegras, lado a lado, instaurando entre si um campo de tensão, espelhamento e desvio. O díptico nasce desse gesto: não como unidade fechada, mas como intervalo habitado. Entre uma parte e outra, algo vibra, talvez uma passagem, um eco, uma dobra do olhar.

Etimologicamente, “díptico” remonta à junção de termos gregos que designam “dois” e “dobra”, evocando uma estrutura material e simbólica fundada na articulação entre partes. Registra-se, ainda, sua forma no latim diptycha, derivado do grego díptukhos como sendo “dobrado em dois”, “redobrado”, indicando as antigas tábuas duplas dobráveis. Tradicionalmente, o díptico configura-se como um painel composto por duas superfícies, muitas vezes unidas por dobradiças, cuja relação não se limita à justaposição, mas se constrói como continuidade, contraponto ou complementaridade.

É a partir desse vínculo que se insinua uma outra camada: a do duplo. Para além da estrutura material do díptico, o que se coloca em jogo é a emergência de um a partir do outro, não como cópia, mas como desdobramento. No duplo, algo se repete ao mesmo tempo em que se transforma; algo se reconhece ao mesmo tempo em que se desloca. Entre as partes, constitui-se um campo em que identidades se contaminam, onde cada elemento passa a existir também como variação do outro. Assim, o díptico deixa de ser apenas uma forma para tornar-se uma operação, ou ainda um modo de produzir relação, diferença e continuidade a partir da coexistência.

Algo dessas acepções permanece como força motriz a orientar toda a jornada de realização desta exposição, especialmente a ideia de “complementação”, aqui entendida não como fechamento, mas como relação entre diferenças que se preservam. Para desenharmos uma estrutura operacional pertinente ao desafio do projeto Dípticos, nós, curadores gerais, partimos da ideia de dupla como uma premissa que também deveríamos incorporar enquanto método.

Em nossas trocas de mensagens, telefonemas, encontros presenciais, trajetos de carro e anotações em documentos compartilhados, afinamos aquilo que nos foi proposto pelo Vilarejo 21, espaço de cultura idealizador de Dípticos e responsável pela produção desta exposição, compreendendo-o como uma operação de

intersecção entre modos processuais e metodologias críticas.

O Vilarejo 21 é um espaço independente de arte, criatividade e cultura, em funcionamento desde 2022, dedicado a ampliar o acesso à arte e à produção artística. Situado em uma chácara no Altiplano Leste, rodeado pelo cerrado, o espaço é gerido por uma família e desenvolve pesquisas, projetos, residências, acompanhamento crítico e exposições. Foi nesse espírito de experimentação e residência que se articulou o projeto Dípticos, em parceria com artistas e curadores da cidade, no fomento às artes. Os participantes tiveram acesso às instalações e aos ateliês específicos criados durante o projeto, pensados para atender às demandas de pesquisa, produção e interlocução que a experiência propunha.

O processo do projeto também se construiu a partir do diálogo constante entre curadores e artistas, registrado em nossas conversas:

“Creio que nem é só curadoria expandida, nem arte expandida no sentido comum. Mas estou chamando de autocrítica do artista e do curador. O que você acha, Léo?”

“Gosto. Vamos ver propostas sobre materialidade da escrita também. Pode ser?”

“Em linhas gerais, vamos propor atividades, dinâmicas, e deixar claro que o projeto é de fato um díptico.”

“Sim, o curador irá trabalhar em proximidade com o processo do artista.”

“A experimentação de linguagens é importante para que os curadores não façam simplesmente um texto comum, convencional.”

Esses registros não apenas documentam o diálogo, mas revelam a forma como o projeto se estruturou como uma criação conjunta, em que a prática curatorial se afeta e se transforma, ao mesmo tempo que a produção artística transcorre.

A operatória de Dípticos: Arte e Curadoria estrutura-se a partir da experimentação conjunta entre artistas e curadores, compreendidos não como funções fixas e estanques, mas como agentes de criação em diálogo, cujas práticas se afetam e se reinventam mutuamente ao longo do processo. Parte-se do entendimento de que tanto a produção artística quanto a prática curatorial, em sua dimensão contemporânea, operam como

formas de territorialização e de promoção de ações que constroem, desconstróem e reconfiguram espaços simbólicos, materiais e relacionais, de maneira processual e colaborativa.

Trata-se de um campo de investigação que ultrapassa a lógica tradicional de produção de obra e sua posterior curadoria. Aqui, tanto a produção artística quanto a prática curatorial são entendidas em suas formas expandidas, ou seja, modos de pensar e agir que operam para além das linguagens convencionais, mobilizando arquivos, afetos, sons, textos, espacialidades e mediações sensoriais diversas.

Como dinâmica orientadora dos processos de Dípticos, propomos a criação como um território de escuta e reflexão crítica, em que artista e curador compartilham perguntas, tensões e atravessamentos conceituais e processuais. No desenvolvimento das produções aqui exibidas, foi crucial, para o curador, pensar as possibilidades materiais da escrita, propondo peças em que a criação textual escapa à lógica convencional do registro do pensamento curatorial. A demanda do artista, por sua vez, concentrou-se menos na expansão de linguagens e mais no aprofundamento da própria pesquisa como imersão desconstrutiva, aberta à resignificação por meio da exploração material e processual.

Para a definição dos pares, isto é, dos dípticos que operariam em proximidade, considerando a escuta e a análise dos próprios procedimentos, buscamos criar pontos de contraste e tensão, ao mesmo tempo em que evidenciamos o potencial de troca e estímulo para que cada um pudesse operar fora de sua zona de conforto. Assim, na conformação dessas duplas, emergem espelhamentos e aproximações, mas também fricções, deslocamentos e diferenças ativas, que se revelam justamente na descoberta de pontos de encontro onde, à primeira vista, predominavam disparidades.

O díptico composto pela artista Adriana Marques e pela jovem curadora Madá Granja nos conduz a um espaço de contemplação, em que a intimidade é vivida e reencenada, permitindo habitar uma paisagem que se desdobra entre exterior e interior, articulando fragmento e completude, ausência e presença. O díptico formado pelo artista Anthony Sousa e pelo curador Carlos Lin revela a confluência de dois olhares, de gerações distintas, sobre o cerrado, sua aridez, que é também renovação e potência de vida, mas igualmente mistério e subjetivação

do espaço. Já para a artista Léa Juliana e a curadora Suyan de Mattos, o que para uma se apresenta como investigação plástica, revelando uma poesia geológica e relações entre peso e leveza, perenidade e fugacidade, para a outra se desdobra como percurso analítico de etapas e materiais, índices de um fazer artístico observado com curiosidade e disposto em gabinete.

Por sua vez, o artista Gabriel Matos nos convoca ao sobrevoo de um campo instável entre a memória e seus rastros, o que conduz ao deslocamento conceitual do curador Arthur Gomes, que se insere na própria materialidade do trabalho, adicionando novas camadas à sua poética do afeto e do pertencimento. Já para a artista Aya, a pintura se apresenta como território de embate íntimo e formal, no qual forças subjetivas extrapolam a matéria em um fluxo contínuo entre experiência e estranhamento, trazendo questões de sua própria vida, enquanto o curador Paulo Vega Jr. opera em direção aparentemente oposta, tomando a rigidez dos verbetes da arte como campo de complexificação, em tensão com a liberdade da prática. Por fim, a relação entre história social, força coletiva e identidade, explorada na instalação do artista Gu da Ceí, abre ao curador Alan Oliveira uma via de expansão verbal, na medida em que a própria linguagem do artista convoca o outro a se instalar no trabalho: uma composição em rap faz reverberar no espaço um 'pensamento-com', isto é, com o artista e com o público.

A ressonância entre arte e curadoria não apaga, no entanto, as diferenças entre elas. Que o díptico, enquanto forma simbólica e metodológica, opere, aqui, como território de aproximação, evidenciando zonas de contato, contraste e reflexão entre universos distintos, onde o encontro não anula o desvio, mas o torna visível.

Cinara Barbosa e Léo Tavares
Curadores

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.